

Anexo ao ofício nº de de Maio de 1962,
dirigido ao Ministro Wagner Pimenta Bueno, diretor executivo
da Comissão Nacional de Assistência Técnica.

**SOLICITAÇÕES FEITAS PELO INSTITUTO NACIONAL DE
ESTUDOS PEDAGÓGICOS E OS CENTROS BRASILEIROS E REGIONAIS DE
PESQUISAS EDUCACIONAIS AO PROGRAMA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA DAS
NAÇÕES UNIDAS.**

**I) Prosseguimento da colaboração a projetos pa-
trocinados pela UNESCO.**

Projeto 1 - Cursos de Especialistas de Educação.

Por iniciativa da UNESCO e com a colaboração do INEP e da Universidade de São Paulo, estão sendo realizados, desde 1958, Cursos, com a duração de 1 ano, para Especialistas em educação, no Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo.

Os cursos realizados tem visado especialmente à formação de Administradores Escolares e especialistas em Formação e Aperfeiçoamento de professores para a América Latina.

O projeto vem recebendo auxílio do Governo Brasileiro, através do Ministério das Relações Exteriores, que vem custando as bolsas dos professores estrangeiros que realizam o Curso e do INEP que além de ceder o local para os Cursos e, inclusive, para alojamento dos bolsistas, se encarregue de todas as despesas relativas aos bolsistas e professores brasileiros, material, transporte excursões etc.

Para o prosseguimento do projeto necessitaria o Brasil continuar a contar com 2 (dois) peritos por ano, ou sejam 36 meses de peritos.

Projeto 2 - Curso de Pesquisadores em educação.

Foi iniciado em 1962, no Centro Regional de Pesquisas Educacionais deste Instituto em São Paulo, um Curso de Pesquisadores em educação, com auxílio da UNESCO, o qual está sendo realizado por 37 bolsistas brasileiros, com a educação prevista de 2 anos.

O INEP vem contribuindo para o Curso com a remuneração aos professores brasileiros, bolsas de estudos para todos os participantes, material, transporte e local.

Solicitação feita à UNESCO:

Para o prosseguimento e aperfeiçoamento dos Cursos em questão se faz necessária a colaboração de peritos estrangeiros em nº de 5 (cinco) por 2 anos.

II) Iniciativas novas

Projeto 3 - Organização de um Centro de Planejamento Educacional.

Dispõe o Ministério da Educação do Brasil de uma instituição de estudos o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos encarregado de realizar os estudos básicos relativos a levantamentos dos sistemas escolares, interpretação dos dados da Estatística educacional brasileira, condições sociais a levar em conta no planejamento de educação, Currículos e Métodos de Ensino, entre outros, com a finalidade geral de oferecer dados básicos para a formulação de Política educacional para o país. O INEP conta com 5 Centros Regionais - em Recife, Salvador, Belo Horizonte, São Paulo e Rio Grande do Sul, além do Centro Brasileiro, localizado no ex-Distrito, hoje os quais mantêm ainda Centros de Documentação Pedagógica e encarregam do aperfeiçoamento do magistério.

Com a transferência da capital, está sendo criada do mais um centro de estudos em Brasília, o qual se dedicará ao planejamento educacional e será ligado à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Todas as despesas de manutenção do Centro ficarão a cargo do Governo Brasileiro.

Seria de grande importância para o Brasil o auxílio de peritos estrangeiros nos primeiros anos de funcionamento desse Centro.

As necessidades previstas incluiriam a participação de 5 técnicos, em cada um dos seguintes setores: Planejamento da educação, estudos de mão de obra (man-powee), Ensino Primário, Ensino Secundário e Ensino Superior.

Será também de interêsse do Governo Brasileiro a obtenção de 2 bôlsas de estudos sôbre Planejamento Educacional, na França.

Condições preferências dos peritos a serem enviados:

Seria de interêsse que os peritos indicados conhecessem o português ou procurassem iniciar-se na língua antes de iniciar o trabalho. No entanto esta não deverá ser uma condição limitativa, no sentido de afastar elementos de valor apenas por desconhecerem o português.

Por parte das Comissões Municipais
Pessoal para Cursos Educacionais -
(São Paulo)

28/9/62

17

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS
CAIXA POSTAL 1669 - ENDERÊÇO TELEGRÁFICO EDINEP
RIO DE JANEIRO - GB

Senhor Diretor:

Com o relatório de visita realizada a 7 e 8 de Agosto do ano corrente ao Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo, encaminha o Dr. Jaime Abreu, do CBPE, projeto de padronização de testes de inteligência e de rendimento escolar, a ser feito por um grupo de 5 bolsistas do Iº Seminário para Treinamento de Pessoal em Pesquisas Educacionais.

O orçamento do projeto é de Cr\$ 590 000,00 (quinhentos e noventa mil cruzeiros), sendo Cr\$ 120 000,00 (cento e vinte mil cruzeiros) para impressão dos testes e o restante para despesas de viagem aos Estados do Ceará, Espírito Santo, Guanabara, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Sul, em cada um dos quais serão aplicadas 100 (cem) provas.

Do ponto de vista da disponibilidade de verba, é provável que haja um saldo de Cr\$ 1 075 680,00 sobre o orçamento total do Seminário de Treinamento de Pessoal para Pesquisas Educacionais.

Considerando, porém, que serão recebidas no ano corrente, no máximo, 60% das dotações previstas, o Seminário em questão importará em gastos superiores às disponibilidades, obrigando já a uma economia, em outros projetos, de cerca de Cr\$ 4 800 000,00, o que parece tornar desaconselhável qualquer despesa extra.

O orçamento do projeto em causa poderia, a nosso ver, ser reduzido para Cr\$ 120 000,00 (cento e vinte mil cruzeiros), desde que os testes fossem aplicados nos Estados

por elementos de confiança, credenciados pelos Centros Regionais dêste Instituto nos Estados de Pernambuco, Bahia, Guanabara e Rio Grande do Sul; no Ceará por Valmir Chagas e no Espírito Santo por Anneti Vitali.

Para efeito de treino de aplicação dos testes os bolsistas fariam essa aplicação em São Paulo.

Analizando o projeto, cumpre-nos acrescentar que nos pareceria de muito maior interêsse a adaptação de um teste de inteligência de valor conhecido do que a criação de um teste nôvo.

Por outro lado, não nos parece possível, em 6 meses ou um ano, levar a cabo um trabalho de padronização de um teste de inteligência em 2 formas paralelas para o nível primário e outro, também em 2 formas paralelas, para o Secundário e testes de aproveitamento escolar em nível elementar de Linguagem, Matemática, Estudos Sociais e Ciências Naturais, e de Ciências Sociais para a Escola Secundária.

Como trabalho único a ser realizado por um grupo que se pretende familiarizar com métodos de pesquisa parece-nos o projeto insatisfatório. Os bolsistas em questão não terão suficiente preparo para se dedicarem a padronização de testes nem estarão preparados para outros tipos de trabalho.

Cumpe assinalar que, em reunião preparatória do Seminário, ficara estabelecido que o grande projeto a ser desenvolvido no Curso seria um levantamento básico da situação do ensino em São Paulo, que permitisse fixar os grandes problemas a serem pesquisados. Tal projeto viria talvez criar a atitude fundamental a desenvolver no Curso - a de que a pesquisa deve vir contribuir para resolver um problema real e importante e deve partir, portanto, de uma tomada de contato com a realidade que venha permitir a fixação de prioridades de estudo.

No caso, os projetos escolhidos não parecem atender a essa consideração. Assim, o grupo que se dedica à Administração Escolar está estudando a Influência subjetiva na avaliação do professor, problema já muito estudado na França e nos Estados Unidos, em que não haverá conclusões novas a tirar e de pouquíssima importância para a Administração escolar.

*Manter proceder a uma ligeira avaliação
do teste, que poderia ser adiada. É natural que os prof.
divergem escapem a observação que foram feita. São, porém,
bastante para tornar todo o trabalho um exercício, mas
há um plano de padronização de testes
Com um abraço do C. e am. M. L. S.*

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS

CAIXA POSTAL 1669 - ENDERÊÇO TELEGRÁFICO EDINEP
RIO DE JANEIRO - GB - 3 -

Passemos à análise dos instrumentos de medida que se propõe padronizar.

1 - Teste de Inteligência para o grau elementar.

Analisando o teste de inteligência preparado pelo grupo em questão, verificamos que apresenta diversas falhas e inovações sobre os testes mais conhecidos como satisfatórios e cuja razão de ser não compreendemos. Assim, entre os últimos :

a) colocar entre as 5 respostas nos testes de múltipla escolha, "nenhum dêstes"; b) nos testes em que se pede para pôr em ordem uma frase, numerar as palavras e escolher entre séries de números a que corresponde à ordem "correta", c) não colocar juntas tôdas as questões que atendem a iguais instruções, e a um mesmo tipo.

Os enunciados de algumas das questões não nos parecem satisfazer completamente.

Assim:

(Questão modelo)

Qual a série que indica a ordem em que as palavras abaixo formam uma sentença correta?

Galos os cantam madrugada de

Cremos tão correto dizer "De madrugada cantam os galos, De madrugada os galos cantam, Os galos cantam de madrugada ou Cantam os galos de madrugada".

Fazem-se, mesmo, exercícios nas Escolas Primárias para que a criança se habitue a apresentar o mesmo pensamento com diferentes ou idênticas palavras de várias maneiras.

Além disso, a forma como a questão é apresentada, diversa da habitual, torna difícil a adaptação, tanto mais que as questões no gênero não são seguidas.

O mesmo ocorre com as questões que habitualmente se enunciam: "Marque a palavra que não pertence à série" e aqui se enuncia do seguinte modo:

Qual das seguintes palavras é mais diferente das outras?

A questão 9 - "Qual o objeto que usamos para comer?", numa zona pobre poderia levar a respostas inadequadas.

O enunciado das questões em que se pede a significação de palavras, pelo reconhecimento de um sinônimo, por não destacarem, por meio de um grifo ou de letra maiúscula, por exemplo, a palavra cuja significação se deseja, podem prestar-se a interpretações falhas. Assim, por exemplo, na questão 16 - "Qual das seguintes palavras significa o mesmo que tomo?"

As questões 14 e 17, a nosso ver, deveriam estar juntas.

A questão 15 - Qual é o legume ? parece-nos envolver apenas conhecimento.

Os testes de sinônimos não nos parecem bem graduados.

A questão 46 "Que faria você se numa loja lhe dessem de troco dinheiro demais?"

Entregaria a sua mãe. Compraria doces. Devolveria ao vendedor, Guardaria na carteira, Depositaria num banco, não nos parece de inteligência.

Além disso, no 1º caso, se deveria dizer "Entregaria o troco ou o excesso à minha mãe."

A questão 59

"Uma sala tem 4 cantos. Cada canto tem um gato. Cada gato vê 3 gatos. Quantos gatos há na sala?" em que a resposta seria "nenhum dêstes" parece-nos muito conhecida para ser utilizada como item para medida da inteligência.

Na questão 14 da forma B a pergunta:

"Que Marcia é dos filhos de Ana?" parece-nos poder ser apresentada em linguagem mais satisfatória.

A questão 51 - "O avião está para Santos Dumont como a lâmpada elétrica está para Henry Ford-Thomas Edson (sic) Grahan (sic) Bell-Roosevelt - Nenhum dêstes" parece-nos puramente de conhecimento.

PROVA DE LINGUAGEM

Na prova de Linguagem constam formas erradas e palavras inexistentes, o que não nos parece adequado.

Assim, por exemplo, casona, casão e entre outras, a questão 8, assim redigida:

"Os de minha casa são brancos.

Qual das seguintes palavras completa a sentença acima? lençol, lençóis, lenções, lenções."

Esse tipo de questão é freqüente. (ex. 13)

Na questão 6 lê-se:

"Assinale a sentença que conta o que aconteceu ontem". Só há uma sentença no passado, mas não há indicação de que se refira a ontem.

São freqüentes as questões com formas erradas, o que não nos parece aconselhável. Assim as de nº 11 e 15.

Há questões em que não é clara a resposta pretendida. Assim a de nº 10.

Na questão 18 tôdas as frases deveriam ser iniciadas por V maiúsculo.

Na questão 27, só duas escolhas têm valor funcional, as demais não podendo ser consideradas, o que a invalida como instrumento de medida.

A questão 28 admite 2 respostas.

Como conjunto a prova não nos parece medir adequadamente os conhecimentos de Linguagem de uma criança que termina o curso primário.

PROVA DE ARITMÉTICA

A prova mede conhecimentos mais ou menos formais. Inclui pouquíssimas situações de problemas, em geral sem dificuldades maiores, não podendo discriminar as crianças mais capazes nesse setor, provavelmente.

PROVA DE CIÊNCIAS NATURAIS

A questão 3 "O órgão do sentido por onde podemos ouvir boca nariz olho ouvido" e

4 "O pão é feito de madeira, borracha, trigo, café", não nos parecem ter poder discriminativo algum.

O mesmo se dá com a questão 9.

Na questão 14 apenas uma resposta pode ser escolhida, pois não é possível que uma criança vá pensar que sua blusa escolar é feita de mel, palha ou couro.

Na questão 26 diz-se que o sapo é um batráquio porque passa por transformações. As demais respostas não são aceitáveis. *

* No entanto não é essa a característica dos batráquios uma vez que também insetos passam por transformações.

As questões em geral são formais, não envolvem do raciocínio, mas pura memorização. Há testes bastante mais interessantes que poderiam ter sido consultados.

Na questão 27 parece que se deseja que a criança risque a resposta:

A raiz é a parte da planta que segura a árvore na terra.

Há, porém, plantas cujas raízes não mergulham na terra.

PROVA DE ESTUDOS SOCIAIS

Na questão 4 diz-se:

Martim Afonso de Sousa comandou a expedição etc. e quando se deveria dizer, cremos, uma expedição.

Na questão 10:

"Os indígenas moravam em: arcos flexas tabas caciques" as duas primeiras escolhas não funcionam.

A prova se baseia em memorização, em grande parte. Assim, por exemplo, pergunta-se quem é o Patriarca da Independência. Provavelmente as crianças não saberão o que significa

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS

CAIXA POSTAL 1669 - ENDERÊÇO TELEGRÁFICO EDINEP
RIO DE JANEIRO - GB - 7 -

a expressão, mas terão decorado o nome do vulto histórico assim conhecido.

Assuntos muito importantes, como o estudo das regiões brasileiras, a influência dos fatores geográficos sobre a vida humana, o preparo para a democracia não são considerados. A Geografia do Brasil praticamente não é medida.

Não parece ter havido a preocupação de fixar os objetivos, ver as prioridades, estabelecer os conhecimentos etc. que se desejava medir e a forma mais adequada de medir cada um. Assim, por exemplo, adota-se a forma de múltipla escolha para a prova toda.

Teste de inteligência para nível secundário - Forma A

A questão 7:

"Qual a altura média dos homens brasileiros

a) 1,50 - 1,55 b) 1,70 - 1,80 c) 1,60 - 1,65 d) 1,65 - 1,75"
não nos parece medir inteligência.

Os testes de vocabulário parecem-se mal graduados, geralmente envolvendo dificuldades apreciáveis mesmo para adultos cultos, (V. questão 47, por ex., ou 52 e 54).

Teste de Inteligência para nível secundário - Forma B

Não nos parece satisfatório a questão 13, assim redigida:

A influência de um homem numa comunidade deve -
ria depender de

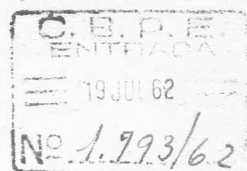
a) riqueza b) dignidade c) sabedoria d) ambição e) poder político.

Teste de Ciências Sociais - Forma A

Na questão 25, a redação não parece adequada. Comparando-se-a com a questão 39, não parece ser feita a diferença entre imigrante e emigrante.

A questão 42 não nos parece satisfatória, assim como a de nº 57.

Auto Depoimento de Perícia Ed
caixa postal n° 2444
Belo - Horizonte



Belo Horizonte, 2 de julho de 1962

Relatório do Prof. José Nilo Tavares
Ao Prof. Jaime de Abreu
Coordenador do Iº STPPE

Participamos dos trabalhos do Iº Seminário Para Treinamento do Pessoal em Pesquisas Educacionais, assiduamente, no período compreendido entre os dias 12 de março a 1º de abril de 1962 e, posteriormente, pudemos confirmar nossas observações iniciais seguindo o curso nos dias 9, 10 e 11 de abril e conversando, prolongadamente, com grande parte dos seus frequentadores.

As observações que pretendemos fazer, a pedido do ilustre Coordenador do INEP, se basearão assim em três pontos: a) Observação participante, b) Observação indireta realizada através de contatos com participantes do Curso, c) Análise documental. Os aspectos subjetivos que por certo decorreriam do estudo nas duas primeiras fases ficarão neutralizados com a utilização do terceiro processo, o da análise documental baseada nos textos das aulas e das conferências e nas indicações curriculares e bibliográficas dadas pelos professores.

Queremos patentear, antes de dar início às observações, o espírito positivo com que nos propusemos fazê-las. A importância dos seminários para pesquisadores educacionais, o mérito e o desenvolvimento da idéia de sua realização no Brasil, em nenhum momento deverão ser atingidos ou diminuídos pelos reparos. O nosso objetivo foi o de prestar um depoimento pessoal sobre a iniciativa e contribuir dessa forma para o aprimoramento dos futuros seminários. Convém dizer que as críticas fundamentam-se em curto período de observação do curso - cerca da sexta parte - e por isso deverão ser recebidas com necessárias reservas.

1 - Duas falhas preliminares de orientação viciaram originalmente o I STPPE: o recrutamento do pessoal e a organização do curso propriamente dito. Embora planejado com suficiente antecedência, não deixou o Iº Seminário de apresentar-se eivado de improvisações. Essas deficiências estruturais deveriam-se, ao nosso ver, à ausência de acordo comum com respeito aos objetivos prioritários do Curso. As discordâncias explicar-se-iam, até certo ponto, pelo caráter pioneiro da iniciativa; pela inexistência de um levantamento prévio que indicasse as necessidades substanciais ou adjetivas da pesquisa edu -

cacional científica para o Brasil, e pela dualidade das direções, dos interesses e, talvez, das fontes de recursos do Seminário, a acarretar conflito - consciente ou inconsciente - de perspectivas; e pela desorganização a que a precariedade do sistema administrativo nacional submete todos os departamentos auxiliares dos serviços públicos. O recrutamento e a seleção do pessoal que deveria participar do Seminário fizeram-se assistemática e empiricamente. Entrevistas informais, sem objetividade, realizadas em condições insatisfatórias; limitação vaga dos campos em que o pessoal seria escolhido; adoção de critérios diversos para a seleção (pessoal dos Centros e pessoal das Secretarias), com subsequente alternância de exigências; interrupção total de contatos - diretos ou indiretos - com o pessoal triado; desconhecimento das peculiaridades pessoais e regionais dos grupos escolhidos ou alheamento injustificável às diferenças financeiras, culturais ou profissionais dos alunos, tudo isso constituiu uma infraestrutura prejudicial ao funcionamento do Iº STPPE.

2 - Na fase de implantação do Curso, em São Paulo, a improvisação notada refletiu-se agudamente nos menores detalhes. O atraso da maioria do pessoal discente, a inexistência de corpo docente brasileiro, o retardamento na programação das atividades, as dificuldades administrativas porque passava o C.R.P.E. paulista, decorrentes principalmente da falta de espaço, a divergência de línguas, geraram um clima de desânimo e inquietação de influência negativa no desenrolar dos estudos. A desistência de cerca de um terço do pessoal escolhido, diretamente ligada aos fatores expostos no item 1, exerceu também efeito desalentador sob o ânimo do corpo discente.

3 - Do ponto de vista organizacional é importante que se destaque o prejuízo que ao aproveitamento didático constituiu o fato de não se expressarem em português os principais professores do Iº STPPE. Embora os professores assistentes brasileiros pudessem suprir essa deficiência, não o fariam sem impedir que a versão retirasse das lições grande parte do seu valor e constituisse elemento de atraso e desperdício de horários úteis ao trabalho. Recorde-se ainda que, sentindo o problema, procuraram os mestres estrangeiros elaborar antecipadamente as suas aulas. Dessa forma o Seminário, tecnicamente falando, transformou-se em espécie de ciclo de conferências acadêmicas. Na segunda fase do Curso, com a divisão das turmas por grupos de interesses, contornou-se em parte a dificuldade, mas aí os assistentes brasileiros passaram a atuar em primeiro plano enquanto os professores estrangeiros incumbiam-se da orientação da matéria, assumindo atitude contemplativa contrária ao espírito do Seminário.

4 - É indispensável que, para efeito de método, levantamos um gradil de conceitos e categorias que nos permita aferir, objetivamente, o grau de correspondência existente entre os "fins" do Iº STPPE e sua concretização real. Como se depreende da leitura dos documentos preparatórios do Curso, pretendia-se preparar em São Paulo pessoal qualificado para realizar pesquisas no campo da educação no Brasil (... "o primeiro objetivo do Seminário é treinar pessoal para os cargos de pesquisadores no amplo campo da educação ... Esse Seminário, com a necessária fundamentação teórica, porém eminentemente prático e voltado basicamente para a realidade brasileira e seus problemas..."). Supõe-se que o

o Curso seria de aprofundamento e especialização desde que na seleção dos candidatos exigia-se algum conhecimento e certa prática no setor da pesquisa educacional. Ainda que o Curso visasse à formação de principiantes teríamos então dois níveis: de introdução e de aperfeiçoamento. Fosse qual fosse, na prática, o nível do Curso ou o seu grau de profundidade científica, estaríamos diante de um Seminário para Pesquisadores Educacionais. Situemos e definamos a questão. Pesquisa, busca, procura, poderiam aqui ser usados como sinônimos. A pesquisa científica, no entanto, difere em grau e sistematicidade da pesquisa empírica, embora não divirja dela em gênero e natureza. A pesquisa científica seria a busca sistemática e metódica de fatos de apreensão simples ou complexa. A pesquisa educacional científica, o instrumento que nos permitiria levantar as formas e os conteúdos, os significados e as implicações dos fatos educacionais. Qualquer pesquisa científica, em síntese, processar-se-ia em três fases: observação, hipótese e verificação. Fases interdependentes e inseparáveis. A observação dos fatos educacionais levaria o pedagogo a formular uma série de hipóteses a serem verificadas com a pesquisa. Dentro de que normas de orientação científica, contudo, agiríamos na pesquisa educacional? Considerando as grandes divisões das ciências, recorreríamos às técnicas adotadas em ciências naturais, matemáticas, biológicas ou sociais? Seria possível o estudo do fato educacional com a técnica do escalpelo, do microscópio ou do raciocínio matemático? Evidente que não. Se a pesquisa, em seus princípios gerais, é uma só para todos os ramos do conhecimento científico, diversifica-se na medida em que tentamos nos aproximar do conteúdo de cada objeto, em que particularizamos a análise. A Educação estuda um fato social: o educacional. Tem por campo específico do seu conhecimento e da sua aplicação a integração, a socialização ou o adestramento do homem. Poderia ser ainda uma técnica de transmissão de cultura humana. Ciência da cultura, do espírito, do homem ou da sociedade, a Educação é uma ciência social. As técnicas que utiliza em sua pesquisa são técnicas de pesquisa em ciências sociais, no sentido mais largo da expressão. A pesquisa educacional, variando de acordo com a complexidade do objeto que analisa, é uma pesquisa social. Afastando-se ou aproximando-se, de conformidade com suas necessidades concretas, dos diversos ramos das ciências sociais - história, estatística, sociologia, economia, geografia, filosofia, direito, antropologia ou política -, não deixa a pesquisa educacional de ser uma pesquisa social.

5 - Além da observação, da hipótese e da verificação, poderíamos incluir o método e as técnicas como requisitos mínimos para a efetivação de qualquer pesquisa educacional. Seria dispensável, em pesquisa educacional, qualquer dos elementos citados? Parece-nos que não. A proporção em que melhor definíssemos e delimitássemos os processos assinalados mais nos aproximaríamos do ideal em pesquisa educacional. Um curso de pesquisadores educacionais - por mais prático que pretendesse ser - deveria ter como elemento fundamental, desse ponto de vista, o estudo das fases da observação, da verificação, do método. Na medida em que aprofundássemos tal análise mais nos aproximaríamos do conhecimento concreto. Dessa perspectiva, o I^o STTPE constituiu estudo elementar e primário da pesquisa educacional. Nenhuma abordagem completa foi até agora feita sobre método ou observação.

6 - O princípio de que as sociedades humanas, embora tenham por unidade básica o homem com traço distintivo ~~o~~ universal^o único, variam no tempo e no espaço, na geografia, na história ou na economia, é unânimemente aceito. Dessa forma, é ponto pacífico que as analogias, as comparações e as apreciações só devem ser feitas dentro de certas regras básicas. A aplicação dos conhecimentos científicos, em ciências sociais, só deve ser realizada em circunstâncias cuidadosamente estudadas. Não se pode comparar, cientificamente, por exemplo, aspectos totais da sociedade guarani com aspectos parciais da sociedade indú; fatos econômicos complexos de uma sociedade industrializada com fenômenos decorrentes de uma estrutura econômica coletora, primitiva; fatos educacionais de países europeus adiantados com aspectos educacionais de países africanos subdesenvolvidos... Se se forçasse a aproximação não teria ela qualquer valor operacional. Não passaria a conclusão a que chegássemos de jôgo interessante ou de malabarismo inconsequente. É ponto pacífico a aceitação das "leis" sociológicas das fases, das estruturas ou das reduções que se tornam indispensáveis à transplantação de experiências no campo das ciências sociais.

7 - Foi justamente levando em conta essa relatividade dos fatos sociais, sua historicidade e singularidade, que se chegou, no Brasil atual, à consciência da necessidade da realização de pesquisas para intervenção na realidade. Se assim não fôsse, em Educação, bastaria, para solucionarmos os nossos problemas educacionais, aplicarmos fórmulas feitas, importadas, aos casos, à proporção em que eles fôssem surgindo. Daí a importância da pesquisa social e educacional. É claro que não se põe em dúvida a necessidade da aceitação dos enunciados gerais das ciências, enquanto postulados universais. Tampouco pretende-se dispensar, de vez, a contribuição das experiências alienígenas. Deseja-se simplesmente que a contribuição estrangeira seja aceita como elemento subsidiário. No caso brasileiro, em face da diversidade regional dos Estados ou das dualidades econômicas e sociais do nosso contexto, em maior conta deve ser tida a realização da pesquisa aprofundada. Soluções válidas para algumas regiões não o são para outras, em nosso país. Nos limites do próprio país torna-se indispensável a aplicação do método reduutivo. Considerando a pobreza dos recursos materiais com que contamos, as apoucadas verbas orçamentárias para pesquisas, torna-se forçosa a aplicação do pouco de que dispomos em pesquisas básicas, fundamentais, prioritárias. E se considerarmos ainda o atraso histórico e fásico do Brasil com relação a outros países, aparece nítida a necessidade de economizarmos tempo, de aproveitá-lo sovinaamente em nosso benefício, sob pena de perdermos as oportunidades que nos oferece uma conjuntura internacional favorável, mesmo do ponto de vista científico. Se podemos aceitar a contribuição subsidiária de professores estrangeiros, não é de bom alvitre que entreguemos a eles a orientação de importante campo de ciências sociais. É certo que o I^o Seminário contou com a participação de professores brasileiros e que, inclusive, foram realizadas conferências sobre a realidade brasileira. Mas essa parte teve caráter episódico e os papéis foram invertidos.

8 - Pretendemos agora, na análise do Curso propriamente dito, desenvolver duas teses: a do caráter vago e superficial/^{da orientação,} que está sendo dado aos alunos do I^o Seminário e a da fragilidade científica dessa orientação. Estão sendo ministra

tradas quatro disciplinas: Sociologia Educacional, Psicologia, Testes e Medidas, Administração e Programação escolares. A orientação sociológica coube ao professor Robert L. Brackenbury, bacharel em História e Educação e Doutor em Educação, membro de associações como a Phi Kappa Phi, American Association of University Professors, Philosophy of Education Society, Far West Philosophy of Education Society e National Education Society. Publicou o prof. Brackenbury dois trabalhos: "Getting Down to Cases: A Problem Approach to Educational Philosophising" e "The Teaching of Philosophy of Education in the United States". A orientação da parte psicológica coube ao professor Henry Clay Lindgren, conferencista de Psicologia na Universidade de Roma, na Universidade de Vancouver e professor secundário de Línguas na Califórnia e de Música, no Hawai e de Psicologia no "San Francisco State College". O prof. Lindgren é autor de diversos livros, dentre os quais "Psychology of Personal & Social Adjustment", "Mental Health in Education" e membro de diversas organizações e associações de psicologia. A orientação da parte de Administração Escolar coube ao professor Samuel B. Kermoian, formado em Ciência Educacional, Educação Elementar e Administração Escolar Geral, conferencista visitante de algumas universidades de Nevada, Washington e diretor de uma Escola Distrital de São Francisco. Participou ainda do Seminário o professor Paul Alvin Poe, doutor em Educação, bacharel em Ciências da Educação, oficial da Força Aérea Americana, que discorreu sobre currículos das escolas norte-americanas e fez uma profissão de fé política e educacional.

8 - As indicações bibliográficas para as matérias foram dadas dentro de dois critérios: de acordo com os livros existentes na biblioteca do Centro de São Paulo, à disposição dos alunos; de uma perspectiva norte-americana. Assim o grosso das indicações, em todos os campos do ensino ali ministrado, constituiu-se de livros publicados na América do Norte, por autores norte-americanos. Não pretendendo entrar no mérito da bibliografia, desejamos notar que menos de metade do pessoal discente lê inglês; que existem em todo o país raríssimos exemplares dos livros indicados e que grande parte das obras escolhidas são trabalhos de cunho provincial ou municipal de educação norte-americana. A brimos exceção, em parte, para a bibliografia de Sociologia Educacional, dada diretamente pela assistente brasileira.

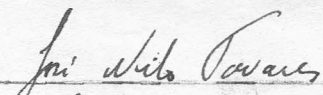
9 - Na impossibilidade de aprofundar a análise do teor científico do Iº Seminário, procuraremos abordar alguns aspetos que julgamos satisfatórios à caracterização do Curso. Poderíamos discorrer longamente sobre teses apresentadas em aula de maneira incorreta, superficial, superada. Recordar, por exemplo, que em sua primeira conferência, o professor de Sociologia Educacional atribuiu aos psicólogos que não souberam utilizar devidamente seus conhecimentos a responsabilidade da crise educacional norte-americana; que o professor de Psicologia empenhou-se horas a fio em demonstrar que há diferenças fundamentais entre o comportamento do filho primogênito e o do último rebento, etc.; que o professor de Administração Escolar, enfaticamente, indicava como o mais importante recurso natural do Brasil a criança e que os peritos estrangeiros não concebiam a possibilidade de existência de fome endêmica ou epidêmica no

Brasil, constituindo óbice importante ao nosso desenvolvimento educacional. A transcrição de um texto distribuído em aula sob o título "História de uma Pesquisa" dará idéia exata da superficialidade espantosa com que se tratavam os problemas e as questões mais importantes: "Um psicólogo, um sociólogo e um administrador receberam a incumbência de descobrir a altura de um edifício de vinte andares. Foram-lhes entregues como instrumentos de pesquisa lápis e papel, um cronômetro e um metro de madeira. O psicólogo foi o primeiro a pôr mãos à obra. Empunhando resolutamente o metro de madeira e usando uma banquetela, descobriu que o primeiro pavimento tinha a altura de 4 metros, enquanto os demais mediam 3 metros de altura. Então, com a ajuda do ascensorista (cujo Q.I. avaliava como pouco abaixo de 100), mediu com o cronômetro o tempo necessário para viajar de um andar para outro. Depois de muito trabalho e de aplicar aos dados um demorado tratamento estatístico, chegou à solução: 91,34 ms. +- 61 cms. Chegou, então, a vez do sociólogo. Ajustou o cronômetro para as 12 horas (porque queria estar certo de não perder o almoço), tomou do lápis e papel e foi em frente. Descobriu que 40 famílias viviam no edifício (renda média de 500 mil cruzeiros anuais; tamanho média da família, 5; idade média dos pais, 45; idade média das mães, não foi capaz de descobrir; todas as famílias, com exceção de três, eram brasileiras) e pediu a opinião de cada um dos membros sobre a altura do edifício. Não satisfeito, procurou vinte arquitetos e vinte engenheiros e pediu-lhes a opinião sobre o problema. Descobriu ainda que a altura de um edifício de dez andares naquela vizinhança (classe média alta) era de 43 metros - é claro que o edifício em estudo, tendo já 30 anos de existência, refletia um "mores" cultural (e requisitos de altura) de uma geração anterior. Contudo, analisando os dados foi capaz de estabelecer a altura do edifício em 87, 53 metros +- 58 cms. Veio por fim o administrador. Atravessou a rua e ficou por algum momento contemplando a sua tarefa. Então, jogou fora o metro de madeira, guardou no bolso o bloco de papel e pôs o lápis atrás da orelha; pegou o cronômetro e entrou no edifício: em dez minutos estava de volta com a resposta exata - o edifício tinha 103 metros de altura. Como pôde encontrar a resposta tão depressa? Como descobriu a altura exata? Parece que ele barganhou o cronômetro pelas plantas do edifício que o zelador tinha consigo". Em outro texto - "Informações úteis ao planejamento" - encontramos indicações bastante dúbias, sem valor científico e de utilização duvidosa para a realidade brasileira. Assim o autor do texto pede que o pesquisador note "se a rua em que a escola está localizada é perigosa, porque tem tráfego intenso e não tem sinalização ou guarda de trânsito", ou "que há na vizinhança um Rotary Clube muito atuante" etc. E a interpretação, de fácil adjetivação, não apresenta qualquer base científica para análise: "residências razoavelmente novas", "vandalismo de moleque", "lojas bonitas", "índice de abandono muito alto", "algumas crianças subnutridas", "zelador preguiçoso e desmazelado", "duas professoras são novas", a "Divisão do Material é ciosa de suas verbas" etc. E nessa mesma toada desenvolveram-se quase todas as aulas a que assistimos, carentes de tratamento científico ou cuidados metodológicos.

10 - A orientação metodológico-teórica do Curso, por outro lado, restringiu-se a ligeiras observações sobre algumas fases da pesquisa científica. As exposições didáticas não apresentaram qualquer disposição racional e comple -

ta. Esses descaso pelo método, somado ao desconhecimento da realidade brasileira demonstrado pelos técnicos da UNESCO, constituíram a nosso ver falhas insustentáveis isoladamente, capazes de comprometer definitivamente o êxito do Curso. Insuficientemente informados sobre as recentes aquisições efetivadas em diversas partes do mundo, no seu ramo de conhecimento, práticas ou teóricas; fechados num etnocentrismo asfixiante; obsecados pela idéia do hiperfactualismo; desconhecedores do processo sócio-educacional brasileiro; impossibilitados de darem as indicações práticas indispensáveis à pesquisa, como poderiam os orientadores do Curso realizar o ideal proposto para o Iº Seminário de Treinamento de Pessoal para Pesquisas Educacionais? Parece-nos, antes, que estamos diante de um novo tipo de "academismo" científico, mais perigoso que aquele vigente no país desde a Colônia, pois manifesta-se em momento crítico sob forma ilusória e falaz. Reconhecendo o esforço e a capacidade dos professores e assistentes nacionais que participaram subsidiariamente da programação, somos forçados a convir que não contaram eles com os elementos necessários para o soerguimento do Curso.

Conclusão. Julgamos que do exposto, para o aperfeiçoamento dos futuros seminários de treinamento, torna-se necessária a adoção de algumas medidas concretas, dentre as quais poderíamos salientar: apuramento na organização do currículo e no recrutamento do pessoal, dentro de critérios objetivos, gerais e realistas; entrega da orientação didática e administrativa do Curso, primordialmente, a cientistas sociais e educadores brasileiros, que contariam, subsidiariamente, com o auxílio de pesquisadores e técnicos estrangeiros; maior rigor na escolha dos técnicos estrangeiros e diversificação das áreas culturais e geográficas em que incidiria tal escolha; prioridade à contratação de especialistas que tivessem conhecimento satisfatório da realidade brasileira; levantamento sistemático das necessidades prioritárias da pesquisa educacional do Brasil e, finalmente, elevado rigor metodológico e científico na transmissão das técnicas e processos de pesquisa científica.



José Nilo Taveres

Chefe da Seção de Pesquisas Sociais do C.R.P.E.M.G.
Bacharel em Sociologia e Política
Técnico em Administração Pública
Professor da Faculdade de Ciências Econômicas da U.M.G.